



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANTÔNIO BARBOSA RANGEL

(depoimento)

2004

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-74

Entrevistado: Antônio Barbosa Rangel

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Luanda Dutra e Camile Romero

Data da entrevista: 02/09/2004

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Vicente Cabrera Calheiros

Fitas: (01 fita) 74/01-A e 74/01-B

Total de gravação: 45 minutos

Páginas Digitadas: 18

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01965/2008/01

Número de registro da fita: 01965/2008/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

RANGEL, Antônio Barbosa. *Antônio Rangel (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Início do envolvimento com a ESEF; cargos que desempenhou na Escola; período como aluno: formação, aulas separadas por sexo, diretório acadêmico, reforma universitária; influências da ditadura militar na Escola; reflexos da Federalização da ESEF; perfil dos alunos da Escola; mudanças na infra-estrutura da ESEF; relacionamento com a Reitoria; organização interna da ESEF; fatos pitorescos; vínculo atual com a Escola.

Porto Alegre, 02 de setembro de 2004. Entrevista com Antônio Barbosa Rangel, a cargo da entrevistadora Karine Dalsin, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Professor, eu gostaria de começar lhe perguntando como iniciou teu envolvimento com a Escola¹?

A.R. - Bom, a Escola... Eu fazia esporte, então eu conhecia os professores aqui da Escola através do esporte. Quando eu terminei o científico, eu fiz vestibular para engenharia, não passei. Em seguida eu fiz para educação física, quando me encontrei, gostei e me formei e trabalhei a vida inteira com a educação física. Já trabalhava antes inclusive de entrar na Escola, fazia atletismo. Então trabalhava com atletismo no IPA², colégio onde tirei... Quando fiz o ginásio e o científico, continuei trabalhando lá depois que eu me formei.

K.D. - Quais cargos o professor desempenhou na Escola?

A.R. - Na Escola, comecei como professor, chefe de departamento, participante da comissão de carreira, vice-diretor e diretor. Participava das comissões também, das diversas comissões que foram criadas ao longo da Escola, participei de todas: reforma de currículo e outras mais neste sentido.

K.D. - Queria que o professor contasse um pouquinho deste período onde foi aluno de 67 à 69 e como era a Escola?

A.R. - Bom, a Escola era pequena, o número de alunos era pequeno, as turmas... Até o ano que eu entrei, eram todas turmas pequenas, se formavam quinze, vinte alunos por ano. A minha turma... Nós começamos com trinta alunos e havia, neste tempo, o curso de ginástica infantil para alunos oriundos de escolas normalistas. Então eles faziam um ano de educação física para trabalhar nas escolas e foi aberto para esses alunos que ingressassem no segundo ano das escolas que já tinham feito o primeiro ano. A turma de 67, praticamente da educação física infantil, 50% ia ingressar no curso superior. A minha

¹ Escola de Educação Física

² Instituto Porto Alegre - Rede Metodista de Educação do Sul

turma, no primeiro ano, que era uma turma de trinta alunos aproximadamente. No segundo ano nós aumentamos para sessenta alunos, ficou uma turma bastante grande e essa turma nós fomos juntos até o final, mais dois anos, 68 e 69, nos formando em 69. Acho que era uma das maiores turmas que se formou na Escola nessa época. Teve uma época muito rica da Escola, foi criado os Jogos Universitários Brasileiros da Educação Física (JUBED), saíram duas versões: uma em Bauru, São Paulo³ e outra aqui no Rio Grande do Sul. Nessas duas, a Escola que organizou, foi o fundador e organizou. A Escola participou muito bem, com uma equipe muito boa e foram os grandes eventos. Nesta época também existia o esporte universitário, era muito forte ainda, todas as, como vou dizer, faculdades eram divididas, não eram que nem agora na universidade, com cadeiras conjuntas. Cada uma tinha seu corpo docente e todas as cadeiras eram oferecidas nas próprias unidades. Então havia uma rivalidade entre as escolas, mas, ao mesmo tempo, uma grande união em cada uma delas, que todos se conheciam e todos eram amigos. Os jogos universitários sempre eram o ponto alto. Nós tínhamos naquela época o diretório, não era o diretório, agora me esqueci o nome, que tinha além do DCE⁴, tinha o outro que era CEFAE⁵, não era CEFAE, era outro nome, agora me esqueci, que congregava só a parte esportiva. Então eles faziam jogos. Desses jogos se originava sempre a delegação gaúcha que participava dos Jogos Universitários Brasileiro, do JUBS. Nós participamos dos jogos em Salvador⁶ e depois o seguinte, acho que foi em Campinas⁷. Havia uma amizade muito grande entre professores e alunos, havia uma integração completa, era realmente uma época muito rica das nossas vidas.

K.D. - Vocês tinham a mesma turma?

A.R. - Sim, era a seleção, era a mesma turma. Nós tínhamos aula das sete e meia às onze e meia, todos os dias neste horário e a turma era turma única, era uma turma mista única. Só que as práticas físicas todas eram divididas, masculino e feminino. Então nas teóricas eram mistas as turmas e nas atividades físicas eram separadas, em todas as modalidades.

³ Cidades Brasileiras

⁴ Diretório Central dos Estudantes.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Capital do Estado da Bahia

⁷ Cidade do Estado de São Paulo

K.D. - E o número de moças e rapazes?

A.R. - Era mais ou menos equilibrado. Acho que até tenho a relação dos formandos, mas era mais ou menos 50% de cada um.

K.D. - Como o professor avalia os aspectos pedagógicos daquele período, qual era a formação?

A.R. - A formação era generalista, preparando o professor para trabalhar em escola de 1º e 2º grau, não havia uma ênfase técnica muito forte, o mais era a preparação para escola mesmo, trabalhar em escola. Então aqueles que eram oriundos de esportes, normalmente se tornavam técnicos e mais tarde eles faziam um curso de especialização, técnica desportiva e daí cada aluno, depois de formado, poderia vir fazer. Não foram muitas instituições que foram oferecidas. Me formei em 69, acho que uma turma saiu depois em 74 da especialização, onde eu fiz voleibol e atletismo daí como especialização. Tu tinha perguntado sobre o processo pedagógico?

K.D. - Sim.

A.R. - Ele era muito bom, muito avançado para época, porque eram todos professores que gostavam muito de estudar, eram oriundos de outras áreas: da medicina, da filosofia. Então era um currículo muito rico neste sentido. Inclusive, aliás, Santa Maria, Pelotas⁸, todas as escolas foram criadas, a maioria dos professores eram oriundos aqui da ESEF⁹, que foram para lá trabalhar nessas escolas.

K.D. - As moças faziam a aula prática separado, e elas faziam aula prática de todos os esportes?

A.R. - De todos os esportes, faziam de todos os esportes só que separado. Acho que elas só não tinham as artes marciais ainda, judô e boxe que a gente tinha na época. Se não me engano elas não tinham, era só para o masculino.

⁸ Cidades do interior do Rio Grande do Sul.

⁹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

K.D. - Futebol?

A.R. - Futebol também elas não faziam, e elas tinham outras ginásticas que a turma masculina não fazia, que era ginástica rítmica, danças, essas coisas. Então era só para turma feminina que era oferecida. Agora os esportes coletivos: basquete, vôlei, esses aí era para todos. Atletismo, todos faziam, era geral, em turmas separadas, logicamente.

K.D. - A questão do diretório acadêmico daquele período?

A.R. - O diretório acadêmico era muito ativo, inclusive as delegações para participar tanto do JUBED, como do JUBS era feito pelo diretório acadêmico. O diretório acadêmico tinha duas áreas com presidente, que era um do diretório como entidade e tinha uma parte esportiva que tinha um presidente também que atuava e, na outra área, mas que era mais ligado a essa área de esporte. Mas ele era muito atuante, inclusive nós tínhamos na época muitos jogos estudantis das escolas de 2º grau e era sempre através do diretório que se ia para o interior, para todo lugar arbitrar jogos, organizar, etc. Era sempre uma atividade do diretório acadêmico.

K.D. - O diretório acadêmico, ele se voltava mais a essas atividades esportivas?

A.R. - Mais às atividades esportivas e mais à parte política, mas mais de organização interna, de organização dentro da Escola. Nessa época, nós estávamos na época da repressão, 67 a 69, [palavra inaudível] em 64. Então em 69, 70 que começou, que houve um endurecimento do regime, eles ficaram mais cerceados no lado político, porque a política era muito forte dentro dos diretórios acadêmicos. Então a reforma universitária que saiu, foi justamente para tirar a força das unidades e tirar a força do diretório acadêmico central, o objetivo maior foi esse.

K.D. - O professor podia falar um pouco dessa reforma universitária?

A.R. - Bom, aí a reforma ela ocorreu em 69. Quando eu me formei a Escola foi federalizada. Já em 70 ela já começou a funcionar nos moldes dentro da universidade, houve uma reestruturação muito grande na universidade que eu não acompanhei porque

estava fora, inclusive as turmas foram aumentadas bastante, o número de vagas passou para cento e cinquenta alunos e na época eram feitas duas entradas de alunos, entrava a metade em março e a outra metade entrava em agosto. Então havia... Mas isso aí é coisa que eu não acompanhei mesmo, o sistema de organização da Escola, mas havia essas duas entradas. Havia um semestre par e ímpar, disciplinas no início, quando entrava uma entrada única. Então um semestre, os cento e cinquenta alunos cursavam determinadas disciplinas e no semestre seguinte, eram pedidas outras disciplinas. Quem rodava, ficava com um problema muito sério, porque ele só podia continuar no outro ano para resgatar aquele que ele tinha perdido. Quando eu entrei aqui que eu comecei a trabalhar em 78, a gente dividiu as turmas nessas duas entradas, uma em março, outra em agosto. Então os horários eram sempre os mesmos, era oferecido para os dois semestres, havia uma continuação e aqueles que rodavam podiam cursar as disciplinas do semestre anterior sem grandes problemas, não havia perda de tempo.

K.D. - A federalização, ela foi um processo que se deu a partir de uma busca muito grande da Escola?

A.R. - Da Escola, foi um processo que durou, acho que uns cinco, seis anos.

K.D. - E no cotidiano da Escola, isso refletia de alguma maneira?

A.R. – Não. Havia um grupo trabalhando nisso e esse grupo é que trabalhava e fazia isso aí sem grandes problemas. Isso foi como ocorreu depois da reforma curricular que se fez em 74 ou 75, me foge bem a memória. Foi um processo longo também de uns cinco, seis de discussão de currículo, aonde se implantou um novo currículo completamente diferente de todas as escolas de educação física e toda forma que era montados os currículos nas escolas. Foi criado um currículo com objetivo generalista, objetivo principal: formar professores para escola, 1º e 2º grau. Mas, ao mesmo tempo, ele foi dividido em áreas e oferecia então a oportunidade do aluno, quarenta de 30% mais ou menos, de ele escolher a ênfase que ele queria dar ao seu curso. Então o que era mais da área técnica, área esportiva, etc, podia aprofundar os conhecimentos nessa área. Ele era rico nos dois sentidos: ele dava uma formação geral para todo mundo que saía da Escola, dando excelentes condições para eles trabalharem em escolas de 1º e 2º graus e aqueles que gostavam de esportes ou

queriam se especializar em alguma área, tanto da área de saúde, como da área esportiva, o próprio curso oferecia condições de ter um número maior de cadeiras dentro desta área para poder aprofundar seus conhecimentos na área. Então o currículo foi muito bom, que ao longo da data depois foi sendo alterado, e agora tenho minhas dúvidas na validade do currículo para o aluno. Se ele está sendo benéfico ou não, para ele trabalhar em escolas de 1º e 2º grau. Ele ficou bastante deficiente nesta área, foi mais para área científica e essa área de magistério ficou prejudicada.

K.D. - Essa possibilidade de ênfase era através de cadeiras eletivas?

A.R. - Cadeiras eletivas. Ele tinha mais ou menos 30% do currículo que ele montava. O aluno escolhia ao “seu bel prazer”, dentro daquelas áreas que ele mais gostava, ele tinha opção, tinha um corpo maior de disciplinas que era obrigado a fazer, mas tinha uma boa parte do currículo que ele elegia e fazia aquelas cadeiras que ele desejava, que ele gostava mais ou que ele tinha mais interesse, interesse profissional, no futuro. Então ele tinha condições de se especializar dentro do curso de graduação.

K.D. - Do período que o professor vivenciou a Escola de Educação Física, eu gostaria que comentasse das mudanças que aconteceram no perfil dos alunos que buscaram a Escola e da expectativa deles quanto ao curso e o mercado de trabalho.

A.R. - Bom, isso aí [palavra inaudível] começaram assim, mais ou menos em 78, havia muita promoção do governo em cima do esporte, a educação física era muito valorizada e a procura era muito grande, haja visto assim como o nosso vestibular. Aqui nós tínhamos alunos inscritos para participar dele em torno de três, quatro, cinco mil candidatos, inclusive teve anos que levaram eles junto com a medicina em número de alunos tentando entrar na Escola. Nessa época ainda, havia provas práticas, o aluno para fazer educação física tinha que fazer as provas práticas, ele passava aqui, fazia uma bateria de testes. Então os alunos aprovados tinham direito de fazer a parte teórica juntamente com todos os outros alunos da universidade. Aqueles que não passavam nos testes tinham a opção de, no vestibular, ainda escolher outras áreas para alterar sua preferência de vestibular. Então a procura era muito grande. Atualmente, realmente eu não sei como é que está a procura,

mas sempre houve procura, as vagas sempre foram preenchidas, nunca ficou sobrando vaga e o número de alunos matriculados sempre foi muito grande.

K.D. - E a expectativa desses alunos quanto ao curso e ao mercado de trabalho?

A.R. - Bom, o mercado de trabalho, vamos dizer assim, acho que até na década de 80, 80 e poucos era tranqüilamente: saía daqui... Já estava trabalhando antes de sair da Escola, já trabalhando em educação física, em escolas de Porto Alegre¹⁰. Eu fui um que comecei a trabalhar – antes de entrar eu já estava trabalhando com educação física – quando eu entrei no curso eu continuei trabalhando. Quando eu cheguei no 3º ano eu já trabalhava no estado, trabalhava em Tapes¹¹ e trabalhava no [palavra inaudível] aqui em Porto Alegre e não era formado ainda. Então havia a perspectiva de trabalho na época, era muito grande, foram criadas outras escolas que só tinha a escola de educação física, só a ESEF da UFRGS¹² mesmo, que não era da UFRGS, era do Estado. Mas só havia uma escola de educação física no Estado. Santa Catarina¹³ não tinha escola de educação física. Outra só tinha no Paraná¹⁴. Então, claro que a procura era muito grande das escolas todas, porque todo mundo tinha educação física e nessa época... Inclusive muita gente que era do exército, sargentos, etc, trabalhavam nas escolas dando educação física porque não havia professores formados para desempenhar a função. Realmente o mercado de trabalho existia bastante, mas só em escolas, agora ficou mais diversificado, agora tem academias, agora tem “n” atividades. Nesta época, por exemplo, os clubes não eram obrigados a terem professores de educação física, de nada. O que foi acontecendo ao longo do tempo com o aumento das escolas, começaram a ser criadas mais escolas, o número de profissionais aumentou bastante. Com isso foi diversificando o mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, já começou a se tornar mais obrigatória a questão da titulação para trabalhar com esporte. Isso foi uma evolução que foi gradativa.

¹⁰ Capital do Estado do Rio Grande do Sul

¹¹ Cidade do interior do Rio Grande do Sul.

¹² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

¹³ Estado Brasileiro

¹⁴ Estado Brasileiro

K.D. - Por que o período de 78 a 97 que o professor lecionava na Escola, eu acredito que nesse período tenha acontecido essa mudança do perfil dos alunos, talvez se voltando mais para área de academias?

A.R. - Sim, nesta época, já começou uma disputa muito grande no mercado de trabalho, porque já havia inúmeras escolas, já tinha escola no interior, também aqui em Porto Alegre. Nós já tínhamos na época o IPA, tinha Unisinos¹⁵, já tinha Ulbra¹⁶, tinha em Novo Hamburgo¹⁷ a Feevale¹⁸. Então já havia muito profissional saindo das escolas trabalhando, claro que aumentou a disputa de vagas nos locais de trabalho, começou a diversificar também. As academias começaram a procurar novos professores de educação física. Os próprios professores, antes de se formarem, começaram a montar academias. Então com um mercado mais amplo, mas com mais respeito na questão das escolas, dando mais segurança profissional e tudo.

K.D. - Mas teve alguma influência no currículo da Escola essa ampliação do mercado?

A.R. - Sim, aí nesta questão sim, porque daí como... Ocorrendo que o cara podia ter ênfases em diversas modalidades ou diversas atividades, propiciou que o aluno se especializasse mais em coisas novas que estavam surgindo: em academias, etc, em outras formas de atuar, no sentido a aumentar o mercado de trabalho.

K.D. - O professor saberia me dizer quando os testes físicos foram eliminados?

A.R. - O ano exato eu não sei, mas deve ter sido por volta de oitenta e poucos, não me lembro, teria que resgatar isso aí, as datas.

K.D. - A Escola de Educação Física, ela tinha uma proximidade muito grande com os militares desde a fundação dela?

¹⁵ Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

¹⁶ Universidade Luterana do Brasil.

¹⁷ Cidade da região metropolitana de Porto Alegre

¹⁸ FEEVALE - Inaugurada em 24 de março de 1970.

A.R. - Sim, o corpo docente. Inicialmente só havia escola de educação física militar, então o pessoal que veio trabalhar aqui era um pessoal formado dentro das instituições militares, que era no Rio de Janeiro e São Paulo¹⁹, que tinham escola militar de educação física, era a escola militar. Então os primeiros alunos foram dali. Acho que o primeiro professor que veio, assim, que não era oriundo da escola militar foi o professor Camargo²⁰, que veio da Universidade de São Paulo, que se formou em São Paulo e veio para cá trabalhar com handebol e continuou professor depois, mas acho que foi o primeiro que não tinha formação militar, uma formação mais civil.

K.D. - E esse distanciamento dos militares, ele acontece quando?

A.R. - Não, à medida que o corpo docente foi mudando, foram se aposentando os mais velhos, etc, já houve a renovação e já começou a entrar então aqueles que eram formados aqui na própria Escola. Então a grande maioria dos professores são formados aqui na Escola, ou alguns são formados no IPA, no caso do Pelé²¹, acho que é só o Pelé que tem, que se formou no IPA.

K.D. - E no entendimento do professor, essa proximidade com os militares que houve por um longo período, deixou algum legado para Escola?

A.R. - Aí assim que a educação física de um modo geral, ela era uma disciplina mais rígida, ela tinha mais uma ligação, mesmo a educação física, com o comportamento militar. Então haja vista que havia a parada de 7 de setembro, tinha a parada civil, etc, com marcha, com desfile, com bandas. O espírito era mais neste sentido mesmo, [palavra inaudível]. Depois é que começou a mudar mais, sair mais deste militarismo e entrar mais para uma atividade, vamos dizer assim, mais urbana, mais livre, e também se partiu para outro extremo, sem disciplina, sem nada, sem organização, que aí começou a complicar também. Eles partiram de um extremo, de um princípio muito rígido, muito militar, muito disciplinado, para uma outra relação muito aberta, muito livre e muito sem parâmetro, sem regramento, e a coisa degingolou para outro lado. Faltou um pouco de organização nesta mudança.

¹⁹ Estados Brasileiros

²⁰ Francisco Camargo Neto

K.D. - Desse período que tu vivenciaste a Escola, a questão das greves e paralisações que hoje é tão comum de existir...

A.R. - Nós estávamos no regime militar, um regime muito complicado. As greves eram muito... Não existia. Haja visto que, a primeira greve que se fez, foi em 78, que começou este movimento. A primeira greve foi do magistério público estadual, não me lembro bem a data, o Zanetti²² que era presidente do CPERGS. Se fez uma greve longa, lutada. Como o governador era o Amaral de Souza, ele era o vice na época de greve e depois, quando ele assumiu, que era a hora do pagamento da despesa de uma greve forte. E, da universidade, acho que a primeira greve foi em 79 também, que começou esta luta por salários, e começou o movimento. A partir daí, começou os movimentos serem mais acirrados e mais freqüentes e começou haver também uma contestação muito forte do regime militar em busca de liberdade, em busca de votação. Então a coisa começou realmente a mudar, uma roda política começou a se tornar muito mais política, no sentido de buscar novos rumos, que a própria revolução ela já estava começando a perder espaço.

K.D. - Mas o regime militar em algum momento injetou mais dinheiro no ensino superior, na pós-graduação, na formação de professores?

A.R. - É, houve, claro que eles tiveram muitos recursos externos. A universidade mudou para o modelo americano, esse lado também. Mudou para o modelo americano, as mudanças, tudo vinham de cima para baixo, não eram mudanças discutidas nem nada, assumia um ministro já com uma idéia na cabeça, o que ia fazer? Assumia e implantava, porque tinha força e poder. Então essas alterações, algumas foram benéficas e outras não.

K.D. - E relacionado à ESEF, o professor citaria alguma?

A.R. - Relacionado à ESEF houve um aporte muito grande de recursos, foi feito este campus olímpico daqui. Nós tínhamos só aquele pavilhão central ali e o ginásio e as aulas

²¹ Jorge Luis de Souza

²² Nome sujeito a confirmação

todas eram dadas nestes dois pavilhões e tinha essas salinhas aqui do LAPEX²³. Embaixo era o bar, e na parte...

K.D. - Onde é o CEME²⁴ hoje?

A.R. - É, onde é o CEME era o bar da Escola, era aqui. Teve uns depósitos aqui atrás, as aulas todas eram naquele prédio ali. A parte de cima toda era prédio, embaixo eram vestiários. Onde é a secretaria agora era o vestiário masculino, aonde está aqui a informática e a coisa ali, era o vestiário masculino. Lá no centro, aonde tem agora os departamentos, ali era a secretaria, administração e gabinete do diretor e, na parte de cima, onde está a rítmica 1 e 2, eram as salas de aula. Aquilo ali era dividido ao meio, tinha salas dos dois lados e as salas de aula eram todas ali. Depois com a federalização, com o aporte de recursos que se conseguiu a ampliação da Escola. Foi feita a piscina, foi feita a pista e as salas de aulas continuavam aquelas lá de cima divididas. Aí o Otávio de Souza, que tinha um colégio que estava embaixo, tinha uma parte do pátio que era deles, eles tinham as salas de aula. Quando eles foram para o colégio novo, essas salas, a Escola começou a usar. Então as salas de aula eram ali, depois, já na administração do Cassel²⁵, isso é uma coisa bem recente que fomos conseguir, aquelas salas de aula que continuam até hoje. Aquele ginásio 2 lá, só tinha o esqueleto, que foi feita na época da reforma da Escola. Ali só ficou o esqueleto, daí depois só na gestão de 94/95 que o Ricardo²⁶ foi eleito diretor, eu fui vice. A gente fez a... Terminou o ginásio 2, eles conseguiram depois terminar o ginásio 2. Na gestão anterior do carioca, ainda foi feita estas salas de musculação aqui, foi o bar, a sala de musculação e os vestiários aqueles ali atrás e foi na data mais ou menos 74/78, um pouco antes. Aí depois se construiu o LAPEX. O LAPEX era aqui onde nós estamos agora, aqui em cima, foi mais ou menos isto daí. Em 94 quando o Ricardo e eu assumimos, a gente mudou a sistemática, porque a piscina era no centro olímpico²⁷ e tinha um diretor próprio que era o professor Werner²⁸, o Peixinho, então administrava. Então eles tinham muito programa de extensão, coisa que eles arrecadavam bastante dinheiro e tinham recursos próprios também da Reitoria. Eles tinham dinheiro e a Escola não tinha. Então um

²³ Laboratório de Pesquisa do Exercício, fundado em 1973.

²⁴ Centro de Memória do Esporte.

²⁵ Mário César Cassel

²⁶ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

²⁷ Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

órgão, hierarquicamente abaixo da Escola, tinha muito mais recursos que a própria Escola. Aí em 94 nós assumimos, a gente mudou, trocou a direção do centro olímpico, passou aqui para Escola. Por ser um cargo de confiança do diretor da Escola, todos os programas que tinham na piscina a gente transformou em programa de extensão e os recursos todos quem começou a administrar foi a Escola. Foi de onde houve estas melhorias da Escola, de material pedagógico, local de práticas, tudo. A gente conseguiu recursos para poder dar um salto de qualidade na Escola.

K.D. - O professor ficou na direção de 94 à?

A.R. - Não tenho bem certo, mas é só voltar quatro antes. São quatro agora, mais quatro, são oito anos. Oito anos menos. Nós estamos em 2004. Então 96, nós fomos até... 97 eu saí, 96... Foi de 92 à 96.

K.D. - Como é que era a relação com a reitoria?

A.R. - Era muito boa, porque a Escola é o seguinte: Nesta época, como a gente começou a... Como nós criamos uma forma nova de administração [tosse], a Escola passou a servir de exemplo para toda universidade de como funcionar. Então toda universidade se espelhava aqui, porque a Escola passou a ser o primo rico da universidade, que tinha recursos, que tinha meios de fazer. A gente conseguia muita coisa para universidade, porque a gente fazia parceria, a gente dava a metade. Então a universidade se viu obrigada a também...

[FINAL DA FITA 74/01-A]

A.R. - Ela começou a ser imitada e fazer sucesso no país inteiro, porque era uma Escola que não tinha recursos nenhum, nem para material desportivo, para nada. Começou a oferecer todos os recursos que os professores precisavam para dar aula, locais melhores, locais limpos, locais preparados. Então antes eu dava aula na pista de atletismo, às vezes, dava no meio do mato, no meio da grama, às vezes, eles cortavam um pedacinho para gente poder dar aula, dificuldade muito grande. Aquele espaço entre o campo de futebol e

²⁸ Jayme Werner dos Reis, conhecido como 'peixinho'

a piscina era um matagal, era terrível. E entre o tênis e o campo de futebol também, ali era um matagal. Então tudo aquilo ali a gente foi urbanizando, foi drenando, tudo com recursos nossos. Também o que melhorou bastante foi que nesta época a prefeitura veio para cá. Nós não tínhamos subprefeitura aqui, a subprefeitura veio para cá. Então começou a facilitar porque nós tínhamos mais gente para trabalhar também. Então aí com isso, tinha engenheiro junto, a gente fez a drenagem, fez toda essa urbanização interna da Escola, plantio de árvores. Então se tornou uma Escola “cartão postal” que ela é hoje. Uma Escola limpa, toda ela bem...

K.D. - E a relação...

A.R. - Isso foi um trabalho interno.

K.D. - A relação da direção com os alunos, com as reivindicações de alunos, diretório acadêmico?

A.R. - Sempre foi muito tranquilo, nunca houve conflito em nada. A gente sempre achou o melhor caminho. Tu tens aula. Não podes perder a tua aula!

K.D. - Fica tranquilo! Foste professor de que?

A.R. - Atletismo era a cadeira principal que eu dava, mas nesta época havia a prática desportiva universitária. Então todos os alunos tinham que fazer dois semestres de educação física dentro da universidade. Nesta época eu trabalhei com futebol de salão, trabalhei com tênis e atletismo, também trabalhei nessa área, com os alunos da universidade. Eles tinham que fazer dois semestres de educação física, eles vinham para cá, isso bem no início da revolução. Eles eram obrigados a fazer um tempo bem maior de educação física, depois foi diminuindo para dois semestres e depois caiu fora, terminou a prática desportiva.

K.D. - Em relação à pesquisa e a extensão?

A.R. - Bom, a extensão sempre foi forte na Escola, nós tínhamos as disciplinas de técnicas de ensino. Sempre se trabalhou com extensão, já fazia extensão sempre, trabalhava com as escolas aqui da volta, o Otávio de Souza e o [palavra inaudível], já faziam educação física aqui e trabalhavam com os alunos de prática desportiva que faziam extensão. Mais os projetos de extensão que a gente tinha que era uma parte muito forte e por muito tempo também eu coordenei, enquanto o Krue²⁹ estava fazendo o mestrado e o doutorado dele. Os projetos que ele tinha de hidroginástica, eu coordenava, eu fazia a parte técnica toda. Ele vinha, dava orientação para os alunos e eu coordenava toda parte executiva, porque durante o semestre ele voltava para Santa Maria. Então ele vinha periodicamente para coordenar a parte pedagógica com os alunos e eu fazia a parte executiva, de coordenação executiva dos projetos de extensão.

K.D. - Quando tu foste aluno, já havia extensão?

A.R. - Não, havia não!

K.D. - Pesquisa?

A.R. - Também não. Não tinha nem extensão, nem pesquisa. Não existia, isso é uma coisa que surgiu depois que ela federalizou, que daí ela começou... Foi criado o LAPEX, De Rose³⁰. Aí começou a funcionar a pesquisa e a pesquisa cresceu mais ainda, com a implantação do curso de mestrado. Inicialmente, a especialização também era muito forte já nesta época e depois veio o mestrado e agora o doutorado. Então a linha de pesquisa está muito forte na Escola.

K.D. - Quanto à organização da Escola: departamentos, secretaria, comissões?

A.R. - Sempre funcionou não otimamente, mas, por exemplo, é uma estrutura da universidade, isso, [palavra inaudível], esta estrutura de funcionamento é a estrutura da universidade. Então ela sempre funciona bem e sempre houve um bom entrosamento dentro da Escola com os departamentos. Nesta estrutura, o mais forte era a especialização,

²⁹ Luiz Fernando Martins Krue

³⁰ Eduardo Henrique De Rose

que tinha recursos, angariava muitos recursos com os cursos. Então sempre tinha bastante força os cursos de especialização. Depois, com a criação do mestrado, a especialização se tornou não tão rica, vamos dizer assim.

K.D. - Mas o professor vivenciou a criação de algum departamento ou a mudança...?

A.R. - Quando eu entrei como professor, já haviam os dois departamentos: departamento de ginástica e do desportos, era isso aí, isso aí ficou. Foi unificado agora há pouco tempo, foi unificado ficando o departamento. A idéia na época era formar quatro departamentos, era dividir. Quando nós estávamos na direção em 92/93, a idéia das reuniões eram estas. Com a vivência administrativa, etc, nós mudamos de opinião, achamos que o melhor era enxugar a máquina, porque era uma máquina muito pesada e para manter não havia necessidade disso, para ela funcionar bem, depois foi criado um departamento. Só aí foi unificado, mas nesta época eu já tinha saído, já tinha me aposentado, quando foi criado um departamento só, quando houve a transformação.

K.D. - Dentro do período que entraste na Escola, foi perceptível alguma mudança no perfil dos estudantes ou uma mudança do perfil econômico, sócio-cultural?

A.R. - Não, era mais ou menos... Acho que já era os moldes da sociedade quando estava evoluindo. Não houve grandes mudanças. Eu trabalhava em escolas de 2º grau também, não senti grande diferença entre um e outro em termos de comportamento, de anseios, de perspectivas de vida. Os interesses eram mais ou menos os mesmos, tanto de escolas públicas de 2º grau, como da própria universidade. Claro que a universidade já com objetivo maior, já com outra idéia de trabalho, mas assim, em termos como sociedade, ela era mais ou menos homogênea, não tinha grandes diferenças não.

K.D. - Questão de alunos vindos do interior para estudar aqui?

A.R. - Sim, quando eu fiz a Escola, tinha uma parcela muito grande que era do interior, porque era a única Escola que existia no Estado. Então tinha gente de Pelotas, tinha gente

de Rio Grande, gente de Santa Maria³¹. Então tinha muita gente do interior. Mas depois já como professor sempre tem gente dizendo que sempre tem. Agora mesmo pegaram agora. Tem gente de Vacaria, tem gente de Erechim³². Tem gente que tem facilidade de vir para Porto Alegre. Então eles vem para cá, estudar aqui. É um grande centro, normalmente é um anseio de quem é do interior vir para capital para estudar, ter outro tipo de formação, mas depois volta para o interior alguns, outros ficam, mas sempre há um número muito grande de gente do interior.

K.D. - O professor teria algum fato pitoresco vivenciado na Escola para contar, alguma historia que tenha marcado durante este período?

A.R. - Olha, de momento assim eu não me lembro de nenhum fato relevante para contar. Mas foi uma época de Escola como estudante que tu está perguntando?

K.D. - Como estudante, como professor, na direção da Escola, em geral.

A.R. - Não, acho que não. Acho que leitura mais ou menos tranqüila. É a minha forma de vida também já mais tranqüila, mais sem desenvolver muita... Então não me lembro de algumas coisas assim, claro que tem o LAPEX que a gente foi... Que foi montado na época aqui nós tínhamos angariado os recursos. O processo para iniciar as obras foi muito longo, por causa da Reitoria, dependia da administração, dependia de um monte de coisa. Então assim, em agosto de 93, mandaram um telegrama de Brasília³³ que eles vinham visitar a Escola daqui há uma semana para visitar as obras e não tínhamos absolutamente nada, nem o contrato tinha sido assinado ainda com a construtora. Aí foi uma correria, fiz uma reunião lá com o pessoal da infra-estrutura, com a firma aqui que tinha ganho a licitação mas não tinha assinado ainda, conversei com os caras, daí foi. Então eles trouxeram, a gente aterrou aquela parte de baixo ali, colocou uma máquina para trabalhar, para alisar. Quando o pessoal veio vistoriar, já tinha começado a obra, na realidade foi uma coisa que a gente fez porque vinha uma comissão vistoriar a obra e não tinha nada ainda, mas nós tínhamos que fazer para não perder o recurso. Nós tínhamos que até o final daquele ano, nós já tínhamos que estar com uma boa parte da obra pronta. Então realmente foi uma

³¹ Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

³² Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

correria ali para a gente começar e foi assim. Daí eles fizeram aterro todo ali e acho que dois meses depois é que começou a obra realmente a ser feita. Então quando eles vieram para vistoria, tinha alguma coisa já. [risos]

K.D. - Atualmente, o professor mantém vínculo com a Escola?

A.R. - Sim, eu estou trabalhando nos projetos com o Instituto Ayrton Senna, eu estou coordenando a parte executiva do projeto, o Projeto Quero-quero, é um projeto multidisciplinar, é um projeto da universidade com o Instituto Ayrton Senna e a FAUFRGS³⁴. Então ele é executado aqui na Escola, a educação física, a educação pelo esporte e é um convênio multidisciplinar. Então está participando a nutrição, a psicologia, a pedagogia, o instituto de artes, o instituto de música, a enfermagem. Todos esses alunos, tem monitores em todas as áreas e os professores de todas as áreas e todos trabalham juntos neste projeto. Nós atendemos 120 crianças do colégio Otávio de Souza, eles vem aqui no turno inverso da Escola, segunda, terça, quarta e quinta, quer dizer, praticamente todos os dias, só tem um dia de folga. Então 60 crianças de uma instituição [palavra inaudível] e todas estas áreas trabalham conjuntamente. Um projeto muito rico, muito interessante e que a universidade está investindo nele, e o Instituto Ayrton Senna também e vamos ver quais serão os resultados futuros e a gente trabalha em convênio com a escola. Então uma integração bementre a UFRGS e a escola do Estado, nós estamos numa escola do estado. Este projeto nós começamos inicialmente com a prefeitura, ela dava ônibus para trazer as crianças. Então nós trabalhamos o ano passado com o Timbaúva e com o Mariano Becker, os colégios aqui da periferia, da prefeitura. Só que a prefeitura diminuiu o recurso, precisava um ônibus para trazer as crianças, pagar as passagens e eles diminuíram, não pagaram mais as passagens. Então nós tivemos que desfazer este contrato com a prefeitura. Fizemos uma parceria com os colégios do Estado aqui perto, os pais das crianças trazem elas e levam de volta no final da atividade.

K.D. - Para a Escola, quais os pontos positivos que o professor vê em realizar uma parceria com projeto?

³³ Cidade Capital do Brasil

³⁴ Fundação de Apoio a UFRGS

A.R. - Para a Escola assim, dá a oportunidade para os acadêmicos trabalharem, e acadêmicos de diversas áreas. Além disso, esses acadêmicos, ao trabalharem no projeto, claro, melhoram sua formação profissional e dentro da universidade está se tentando uma integração interdisciplinar entre as diversas áreas para que trabalhem em conjunto, pois é um projeto novo, um projeto que a universidade está investindo bastante em termos para melhorar a qualidade do ensino e para dar mais oportunidades para alguns e realmente haver uma integração entre os cursos. Nosso objetivo é esse.

K.D. - Professor, só tenho a lhe agradecer pelo seu depoimento.

A.R. - Desculpe o meu atraso inicial aqui, a culpa é da chuva. [risos]

[FINAL DO DEPOIMENTO]